

SÍNTESE HISTÓRICA

Origem e evolução histórica do Hospital Militar Regional Nº 1

Desde a remota Antiguidade, foi reconhecida a necessidade de instalar unidades de tratamento junto dos exércitos, no tempo dos Romanos existiam já hospitais militares permanentes¹.

Os hospitais militares eram instalados de acordo com as necessidades e locais de interesse, por requisição das instalações.

MORENO² refere que: «Foi durante o reinado de Filipe II que, por provisão de 23 de Agosto de 1617, o senado portuense foi interrogado sobre a viabilidade económica da construção de um hospital militar. Só no reinado de D. João VI, em 1801, foram disponibilizados mil cruzados para o efeito. Assim, o Hospital Militar do Porto foi instalado no Convento de São Bento, às Taipas, durante a Guerra Peninsular.

Em 1815, encontra-se instalado no Mosteiro dos Monges Beneditinos, às Taipas.

Por pedido dos monges, o Hospital Militar muda de lugar, indo para a rua dos Caldeireiros, à Cordoaria.

A 5 de Fevereiro de 1827 é solicitada a sua mudança para o Convento Beneditino.

Durante o cerco do Porto houve necessidade de aproveitar várias dependências para aí se instalarem doentes militares.

Em 1832 é requisitada a habitação de José Cardoso para doentes oficiais do Exército.

Em 1833, havendo necessidade de instalar os doentes convenientemente, são escolhidos os edifícios do Convento do Anjo e da Academia Real da Marinha, sendo estes obrigados a ceder parte do edifício. Gerou-se certo descontentamento por estas ocupações, do que resultou a transferência do Hospital para o convento de Santo António da Cidade, ao Campo de São Lázaro, onde se encontravam instaladas a Biblioteca Pública e a Academia de Belas-Artes.

Finalmente, em 1834, o Marquês Sá da Bandeira, Ministro da Guerra determina a construção de um hospital militar no Porto depois de D. Pedro V, em visita ao Hospital, ter concluído da necessidade de se construir um novo hospital militar na cidade.

Em 1835 passou a funcionar no antigo Convento dos Gracianos, onde hoje funciona o Tribunal de São João Novo.

Em 1861 é mandado ao Porto o cirurgião de brigada pelo Ministério da Guerra, determinado a estudar o local do futuro hospital. Já no reinado de D. Luís I, é adquirido o Campo das Pardelhas, tendo sido lançada a primeira pedra a 22 de Abril de 1862.

¹ MORENO, Armando – O Mundo Fascinante da Medicina. Lisboa, 1997.

² Idem

No ano de 1869, sete anos após início dos trabalhos, o Hospital Militar D. Pedro V encontrava-se apenas construído em cerca de 173, relativamente ao projecto, mas mesmo assim, recebe já nesse ano os seus primeiros doentes.

Em 1918 o Hospital é assolado por um incêndio de grandes proporções que consome grande parte da fachada do edifício. As obras de recuperação são levadas a cabo e concluídas em 1920.

O advento da República motivou a alteração do nome da unidade, que passou por vários nomes, em 1926 passa a ser designado de Hospital Militar Regional Nº 1 e em 1990 conhece nova e última nomenclatura, passando desde então a ser conhecido como Hospital Militar Regional Nº 1 (D. Pedro V), uma homenagem aquele que foi o responsável pela sua criação. (MORENO, Armando – O Mundo Fascinante da Medicina. Lisboa, 1997, p.182-184).

Excerto do “Escholiaste Médico”:

Em 1808 e durante toda a guerra peninsular, o Hospital Militar esteve instalado no Convento de S. Bento dos Frades, às Taipas. Em 1809, estava em início de construção o Hospital de Santo António. “O Porto contava além dêste, outros hospitais que vieram prestar, nessa época, assinalados serviços. Citaremos os seguintes: O antigo Hospital de D. Lopo; os das Ordens dos Terceiros do Carmo (1801); de Nossa Senhora do Terço e Caridade (1781); e dos Terceiros de S. Francisco (1743).”

Havia ainda os Hospícios dos Expostos, dos Entrevados, Entrevadas, Lázarus, Lázarus, Velhas, etc., e muitos recolhimentos para gente pobre».

- *Soult* entrou no Porto a 29 de Março.

- *Le Noble* - nomeado comissário ordenador do Exército, no seu primeiro relatório apresentado ao Duque da Dalmacia diz que: «*Havia (no Pôrto) um hospital civil “muito belo”, ocupado em grande parte, mas onde seria possível instalar os feridos dos dias 27, 28 e 29; havia também um outro hospital de 80 camas, 30 das quais estavam vazias, “entretenu avec une propriété rare”, que poderia servir para os oficiais e para os amputados.*

Logo nos princípios de Abril começam a chegar ao Porto centenas de doentes a que se tornava urgente dar alojamento.

Só de Braga tinham vindo 744 feridos; do combate do Porto havia já 417».

«*No dia 16 de Abril a Câmara Portuense recebe uma intimação para fornecer ao Convento de Santo António desta Cidade, no dia seguinte, os seguintes artigos:*

Leitos de pau.....	600
Enxergões.....	600
Lençóis, pano.....	600
Cobertores.....	600
Trabeceiros.....	600

artigos esses destinados à hospitalização de doentes.

«Em ofício de *20 de Abril*, dirigido ao mesmo Senado, o General Comandante da Praça participa que o Convento de S. João Novo deve ficar à disposição do Intendente Geral para alojar os enfermos que chegaram de Valença, ficando as salas (*sic*) convenientes para os religiosos do dito Convento. Determina mais que se estabeleça no Pôrto um depósito de convalescentes para onde devem ser transportados dos outros hospitais aqueles enfermos que não estiverem completamente curados».

- *Em 5 de Maio*, ordena a Intendência Geral do Exército a entrega de 300 enxergões e na sua falta colchões, 300 cobertores, 300 travesseiros, 900 lençóis e 600 camisas, para tudo servir num novo hospital que vai estabelecer-se no Convento da Serra de Vila Nova, para os doentes de febres e moléstias contagiosas, afim de livrar a Cidade da desgraça de algum contágio».

- *Em 1832* - quando das lutas liberais - o Hospital Militar ainda continuava instalado em S. Bento da Vitória. As tropas absolutistas, ao retirarem, limpam tudo, tendo os constitucionais muita dificuldade em reorganizá-lo.

- Por essa ocasião foi também utilizado o Convento de S. João Novo para alojar os doentes de medicina.

- *Em 22 e 23 de Julho*, desse ano, teve lugar o reconhecimento e combate de Ponte Ferreira, em que o pequeno Exército Libertador teve mais de 400 baixas.

- Na noite de 23 foram requisitados para fazer serviço no Hospital de S. Bento da Vitória (Frades) os seguintes cirurgiões civis:

Vicente Correia de Matos

Anselmo José da Cruz

João Pinto dos Santos Fava

Torcato da Silva Leitão

Manuel Alves de Araújo

João Marcelino Peres Pinto

Além destes compareceram mais dois, que se ausentaram passados dias, um deles por ter ficado ferido num dedo.

- Entre os clínicos, que prestaram socorros aos doentes e feridos dessa época, destacam-se dois nomes que se tornaram notáveis nos anais da cirurgia portuense: Vicente José de Carvalho e António Bernardino de Almeida, ambos professores da Régia Escola de Cirurgia do Porto.

O primeiro, que

«*Serviu, no tempo do memorável cerco do Porto, como membro do Conselho e Junta de Saúde Militar e director duma enfermaria de ferimentos graves*», foi mais tarde agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, “condecoração que naquele tempo era muito estimada”, porque havia muita parcimónia e escolha na sua concessão».

O segundo, logo após a entrada do Exército constitucional,

«Foi chamado a cumprir o sagrado dever de servir como médico auxiliar na *clínica militar*, pois que, como operador, era já notável entre os principais discípulos, e os seus conhecimentos já abrangiam profundamente essa ramificação da ciência cirúrgica, conhecida por: Parte operatória».

- *Em Dezembro de 1832*, começaram a ser mudados os doentes de cirurgia do Hospital de S. Bento dos Frades para a Graça (Academia de Marinha e Comércio) e Convento do Anjo.

- *Depois de acabada a guerra civil*, ficou só a funcionar o Hospital do Convento de S. João Novo destinado a militares.

- *Em 24 de Novembro de 1860*, D. Pedro V visita esse estabelecimento e pede um livro para exarar as suas impressões. Como não existisse, no Hospital, nenhum destinado a esse fim, escreve em meia folha de papel o seguinte:

“ *Visitei o hospital no dia 24 de Novembro de 1860 e satisfez-me o zêlo com que a direcção combate as dificuldades com as quais é obrigada a lutar pelas deficiências do local e pela escassez de recursos.*”

Era ao tempo seu director o cirurgião de brigada, Nunes dos Reis. (...)

- *Em Outubro de 1860*, tendo D. Pedro V reconhecido, *de visu*, as más condições de instalação hospitalar no referido estabelecimento, resolve, de acordo com o seu Ministro da Guerra, Sá da Bandeira, a remoção dos doentes para outro local mais apropriado, enquanto se não construía um edifício próprio, destinado a esse fim.

- *Em Maio de 1862*, o Hospital Militar muda de S. João Novo para a Quinta do Melo, às Aguas Férreas, já quando estava em começo de construção o novo edifício e aí fica até 1869.

a. Linha Genealógica - ORIGEM Hospital Militar do Porto 1837

EVOLUÇÃO/DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS

Hospital Militar do Porto
1837

Dec.13JAN1837
OE 13, 06MAR1837,pag. 7

Hospital Militar Permanente do Porto
1851

Dec.10OUT1851
OE 80, 21NOV1851,pag.10

Hospital Militar D. Pedro V
1862

Dec. 22MAR1862
OE 19MAR1862,pag.1

Hospital Militar do Porto (1ª classe)
1909

Dec. 11NOV1909
OE 19 27NOV1909,pag. 713 e 714

Hospital Militar Regional Nº 1
1926

Dec.12161-21AGO1926
OE 10, 31AGO1926,pag. 545 e 547

Hospital Militar Regional Nº 1 (D.PedroV)
1990

Despacho 84/90
08AGO1990 do CEME